

# Hip-hop circulando saberes tecnocientíficos

## Hip Hop circulating technoscientific knowledges

**Roberth De-Carvalho**

Instituto Federal de Santa Catarina  
orientador.roberth@gmail.com

**Irlan Von Linsingen**

Universidade Federal de Santa Catarina  
irlan.von@gmail.com

**Suzani Cassiani**

Universidade Federal de Santa Catarina  
suzanicassiani@gmail.com

### Resumo

Independente da linguagem, movimentos socioculturais expõem intencionalidades, tanto pelo processo quanto pelo produto do pensamento. Em forma e em conteúdo heterogêneos, atentamos para intencionalidades do movimento hip-hop latino-americano, na circulação de saberes tecnocientíficos. Com o advento da pandemia da Covid-19, e a chamada pública ao isolamento social, para reduzir infecções cruzadas, uma pedagogia hip-hop revela importantes sentidos para a educação tecnocientífica. Pela análise de discurso, objetivamos compreender as condições de produção de hip-hoppers afrolatino-americanos sobre discursos de biossegurança, contribuindo para a educação científica da periferia do Sul global.

**Palavras chave:** biossegurança, circulação de saberes, educação tecnocientífica, hip-hop

### Abstract

Independent of the language, sociocultural movements point out intentions on process as well as on product of the thought. In heterogeneous form and content, we have paid attention to the intentions of the Latin American Hip Hop movement in the circulation of technoscientific knowledges. With the Covid-19 pandemic event, and the public call for social isolation to reduce cross-infections, a hip hop pedagogy has revealed important conditions of discursive production to technoscientific education. By analysis of discourse, we aim in this communication to understand the conditions of production of AfroLatin American hiphoppers about biosafety discourses contributing to scientific and technological education of the South global periphery.

**Key words:** biosafety, circulation of knowledges, technoscientific education, hip hop

## Introdução

A educação científica e tecnológica se desafia, historicamente, como espaço de interpretação de contingências sociais. Ao constituir-se pedagogicamente, por textos e discursos científicos, ressignifica-se socialmente por diversas formas (mídias, cordéis, melodias, culinárias, rituais, fanzines, charges), circulando saberes tecnocientíficos.

Independente da linguagem, esses saberes, em forma e conteúdo heterogêneos, produzem sentidos nas práticas sociais. Destas, emergem espaços de interpretação sociocultural, em que destacamos o movimento hip-hop, transitando das ruas à escola (ou vice-versa), uma vez que “o rap surge como a via de formação para as novas gerações com comprometimento social, diferentemente do que exige a escolarização formal.” (AMARAL, 2015, p. 293). Exemplo disso, foi um projeto intitulado *Combo dos 5 elementos*, alcançando cerca de 4 mil crianças e jovens, por ocasião da Semana Municipal do Hip-hop, entre 5-15 nov. 2016, na rede municipal de educação de Bauru, São Paulo (BAURU, 2016). Com objetivo de formação político-educativa, promoveu mini-oficinas dos 5 elementos: grafite, breaking, rap, DJ e conhecimento<sup>1</sup>. Eis o hip-hop politizando e educando subjetividades, em diversos contextos étnico-raciais, por conscientes gestos diaspóricos (DIAS, 2019; CARRIL, 2015). Também, a exemplo<sup>2</sup> da professora de Educação de Jovens e Adultos, Zâmbia Osório dos Santos, em Santa Catarina, que, pesquisando sobre escritos literários da classe operária feminina, no Brasil, revela seu primeiro contato com a obra da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), em um rap que a referia. Assim, privilegiamos o hip-hop como espaço de interpretação de lutas e práticas sociais e políticas, em uma rede para inclusão sociotécnica’ (JACINSKI; VON LINSINGEN; CORRÊA, 2019), interconectando saberes.

Por vozes de periferia, o hip-hop latino-americano tem acionado múltiplas alteridades. A exemplo do trapper argentino Simonelmono que, ao rimar sobre falas<sup>3</sup> do atual presidente ultraliberal brasileiro, ironiza seu discurso negacionista sobre a pandemia da Covid-19. Destacamos, também, a produção musical do grupo dominicano Rapmedicina, que, no audiviosual *Rap del Coronavirus*, em sentido oposto, sistematiza, pedagogicamente, em uma linha do tempo, a sucessão de eventos pandêmicos. Em seu canal na plataforma YouTube, somando mais de 2 milhões de visualizações, o grupo se vale do rap para a educação em saúde<sup>4</sup>.

Importa-nos, nesse sentido, as condições de produção do movimento hip-hop, em meio à pandemia da Covid-19. Pelo claro objetivo de proteger vulneráveis pela voz de oprimidas/os historicamente, as condições de produção se constituem pela interpretação sociocientífica de criação artística ante a situação das/dos que não têm conseguido cumprir com o isolamento social em seus trabalhos informais, como: camelô, engraxate, diarista, babá, vendedor ambulante, artista, prestador de serviço por aplicativos, dentre outros. Agravado pelo atual estado de anomia neoliberal, que vem solapando existências, compõem, a partir do contexto imediato (favelas, guetos, morros), textos e discursos que, “em sentido amplo, [...] incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2015, p. 30) de sociedades do Sul global. Assim, questionamos: Em que condições de produção o movimento hip-hop promove

---

<sup>1</sup> Ver ação na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Nacilda de Campos”, no bairro Jardim Tv, município de Bauru, SP, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RB6IMZKNBKc>. Acesso em: 5 ago. 2020.

<sup>2</sup> Na webaula *Letramento político: na casa grande também se faz insurgência*, em 13 ago. 2020. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=T\\_B8flhdXjs](https://www.youtube.com/watch?v=T_B8flhdXjs). Acesso em: 14 ago. 2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7dQyLtpsG48>. Acesso em: 6 jul. 2020.

<sup>4</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=p\\_mORIo7AKs](https://www.youtube.com/watch?v=p_mORIo7AKs). Acesso em: 8 jul. 2020.

discursos de biossegurança nas periferias latino-americanas? “As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário.” (ORLANDI, *ibid.*, p. 40). Pela análise de discurso, selecionamos para objeto: a biossegurança contra a Covid-19. Dada pelo jogo comunicativo entre locutor (rapper/trapper), interlocutoras/es (público geral) e o objeto do discurso (tecnologias de biossegurança), interconstituindo-se historicamente pela materialidade da linguagem, figurada por suas polissemias, esquecimentos e deslizamentos. Bem como afetada pela ideologia, que também lhe é constitutiva.

## Circulação de sentidos e dispositivos de análise

Ao buscarmos compreender sentidos tecnocientíficos em funcionamento no hip-hop, destacamos seu papel para a educação científica e tecnológica na promoção de justiça cognitiva, em todos os rincões sociais: da periferia ao centro. Em ritmo e poesia, o rap/trap formula, no dizer, quem são as/os sujeitas/os, o que pretendem, de qual posição e lugar se afirmam, e qual conteúdo social ou literário constitui seu verso. “Com palavras comuns, coladas à situação ordinária de vida, sem se colocar à distância, o rap fala do cotidiano tal qual, fazendo ele próprio parte deste cotidiano; o rap é assim a vitrine (a exibição) de um pedaço do real do qual faz parte. [...] pelo excesso de proximidade [...]” (ORLANDI, 2012, p. 199). Isso carrega sentidos tecnocientíficos, pela tecnologia de linguagem (a rima com o beat/batida; o flow ou levada; o visual; o traço; a dança; o clipe), compondo intencionalidades.

Nesta comunicação, selecionamos, como dispositivos teóricos, duas letras do hip-hop latino-americano, sendo: no Brasil, o rap *Quarentena*, de autoria de MV Bill (2020) (Alex Pereira Barbosa, nascido no Rio de Janeiro, em 1974), com produção musical de Mortão; e, na Argentina, o trap<sup>5</sup> *Coronavirus*, de Simonelmono (2020) (Simón Aguilar, nascido em Mar del Plata, anos de 1990), com beat de Turner. Lançados no estado de pandemia, ao tematizarem sobre a Covid-19, comunicam relevantes informações tecnocientíficas (cf. Quadro 1). Para tanto, considerando a linguagem não neutra, dada a memória e a história de sujeitas/os em interlocução, nos valem teórico-metodologicamente da análise de discurso, pela cientista brasileira Eni. P. Orlandi (2015; 2012), para compreendermos as condições de produção do rap/trap para a educação científica e tecnológica em periferias do Sul global.

**Quadro 1:** Circulação de raps/traps latino-americanos sobre a pandemia da Covid-19

País	Artista	Rap/trap	Número de acessos	Data do registro
Argentina	Simonelmono	<i>Coronavirus</i>	YouTube: 851.872 visualizações Facebook/Twitter: 7.262 exibições	19 mar. 2021
Brasil	MV Bill	<i>Quarentena</i>	YouTube: 791.822 visualizações Facebook/Twitter: 5.794 exibições	19 mar. 2021

**Fonte:** Elaborado pela/os autora/es.

Como dispositivo analítico, abordamos as condições de produção do hip-hop sobre saberes tecnocientíficos relacionados à biossegurança em periferias do Sul global. Com isso, tratamos da circulação de discursos tecnocientíficos entre juventudes afro-latino-americanas, adeptas ao movimento hip-hop, e sobre as quais agem múltiplos mecanismos de opressão.

<sup>5</sup> O trap, subgênero do rap, se produz pela mixagem de gêneros musicais e tons melódicos. Batidas agressiva e acelerada marcam esse estilo instrumental. Enquanto o rap se constitui como um estilo vocal e poético.

## Biossegurança e saberes tecnocientíficos em análise

Emergência de saúde pública internacional, determinada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em 30 jan. 2020, a pandemia da SARS-CoV-2, cujo agente etiológico é causador da síndrome respiratória aguda severa em seres humanos, promoveu uma revisão no trato com o ambiente. Por isso, na música *Coronavirus*, em 2min19s, o trapper argentino Simonelmono personifica o vírus como rei (com anatomia em forma de coroa), hospedeiro de mucosas e secreções, particulando-se no ar, ao narrar:

*Soy el rey de los virus no ves mi corona  
Si no tenes miedo  
Es que no entre a tu zona  
Con un estornudo te dejo en la lona  
Me lleve conmigo una tres mil personas* (SIMONELMONO, 2020, s/p).<sup>6</sup>

Com tais motivos, isolamento/distanciamento social, higienização de mãos, objetos e alimentos, gestos ao tossir/espirrar e uso de máscaras transformaram espaços públicos em zonas experimentais. Vêm circulando através do hip-hop, dado que “Por sua permanência estrita em suas posições discursivas (ideológicas) os sujeitos produzem o boato mobilizando argumentos que correspondem a diferentes tentativas (versões) de fixar um sentido (seus sentidos) sem no entanto mudar suas posições discursivas.” (ORLANDI, 2012, p. 139). Assim, o artista personifica ideologicamente o vírus, ao revelar riscos de contágio por perdigotos ou pelo ar, encenando um boato (como ficção científica) devastador.

Em 14 out. 2011, a importância de lavar as mãos, como prevenção às doenças virais, bacterianas e verminosas, fez parte de uma campanha internacional entre México, Peru e Argentina, incluída no Guinness Book, que aliou componentes governamentais de saúde e educação, mobilizando simultaneamente milhares de estudantes. “[...] en Perú se lavaron las manos 604.246 personas, en México 134.790 y en Argentina 1.834. Los tres países movilizaron a miles de escuelas para colaborar en esta actividad y reforzar entre los escolares la importancia del lavado de manos.” (OPS Argentina, 2011, s/d.). Nesse ponto, evocamos a forma-conteúdo da Figura 1, pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com sede no Brasil, ao circular sentidos de biossegurança, para “assegurar a proteção da saúde humana, animal e vegetal e o meio ambiente, através de ações preventivas, a fim de controlar, reduzir ou eliminar riscos.” (FIOCRUZ, s/d., s/p.).

**Figura 1:** Print da “casa virtual” da Fiocruz para biossegurança.



**Fonte:** Capturada de Fiocruz (s/d.)

<sup>6</sup> Em tradução livre: “Sou o rei do vírus, não vês minha coroa / Se não tens medo / Que eu não entre em tua área / Com um espirro te derrubo / E levo umas três mil pessoas” (SIMONELMONO, 2020, s/p.).

Como autoridade de referência em ciência e tecnologia na América Latina, a Fiocruz disponibiliza ao público a tecnologia tour virtual, para ilustrar uma arquitetura (com piscina, playground, suíte, lavabo, garagem, etc.) em ocupação territorial absolutamente aquém do imaginário de risco ou proteção nas periferias. Nesse sentido institucional, concomitante à função da escola, demarcamos a importância do hip-hop latino-americano, mobilizando saberes sobre a noção de risco/proteção a doenças, o que contribui fortemente para a consolidação de justiça cognitiva entre iguais e desiguais.

*Toda esta epidemia nadie la predijo  
Primero te infecto y después me fijo  
Al planeta entero lo tengo de hijo  
Vayan to' corriendo a comprar barbijos (SIMONELMONO, op.cit.)<sup>7</sup>.*

“A textualização, a colocação do discurso em palavras, tem uma relação necessária com o político. Em todo dizer há confronto do simbólico com o político [...] Uma espessura semântica que faz intervir a noção de interpretação.” (ORLANDI, 2012, p. 129) Nesses versos, interpretações sanitárias transitam do local ao global, atentando que a pandemia, deflagrada em 11 mar. 2020, resultou em 2.711.071 óbitos no mundo (WHO, 2021), até a data de acesso em 22 mar. 2021. Deste total, a América Latina acumula 27,45% (744.266 mil), marcadamente de pessoas negras e indígenas, reforçando o fato que “As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga” (SANTOS, 2020, p. 23). Riscos de morte, pela dificuldade de lavar mãos por falta de água, em regiões favelizadas e territórios indígenas, “[...] em um cenário de inúmeras atrocidades ambientais e de saúde social – tuberculose, câncer, tumores, chagas – não há conhecimento ou artefato de CT [...] que se mostre capaz de reparar os danos causados, indicando uma incapacidade desses conhecimentos [...]” (GANHOR, 2016, p. 115), pois os mesmos não se sustentam em democracias liberais.

O rapper brasileiro MV Bill, da Cidade de Deus, oeste do Rio de Janeiro, no rap *Quarentena*, (lançado em abril de 2020), narra aquela realidade:

*Na favela, pra nós a COVID é diferente  
As casas não são grande e geralmente muita gente  
Aglomeração inevitável  
Alguns lugares ainda não tem água potável  
Se cuida aí  
Ih, que vai faltar espaço na UTI  
Se a gente não fizer o certo pra se prevenir  
Lavando bem as mãos evitando toque na mucosa  
O bagulho é sério não tem cura milagrosa (MV BILL, 2020, s/p.).*

Advertindo quanto à biossegurança (objeto do discurso), voltamos-nos às sociedades periféricas, expressivamente compostas por afrodescendentes na América Latina, e sobre as quais incide uma matriz de desigualdades históricas, quanto aos modos de existir, ao acesso à renda digna e à educação pública de qualidade, sendo reforçada, diuturnamente, pelo racismo estrutural; e, agora, pela crise sanitária da Covid-19. Assim, o rapper situa um espaço de interpretação em que: “A ciência sai de si, sai de seu próprio meio para ocupar um lugar social e histórico no cotidiano dos sujeitos, ou seja, ela vai ser vista como afetando as coisas a saber no cotidiano da vida social. [...] A ciência apresenta-se no cotidiano da sociedade.” (ORLANDI, 2012, p. 152). E, ao tempo dessa apropriação social, a ciência empodera-lhes, para compartilharem (pelo rap/trap) desses conhecimentos biossanitários, em variados ambientes socioculturais, dos quais destacamos a escola.

---

<sup>7</sup> Tradução livre dos versos: “Toda esta epidemia ninguém a previu / Primeiro te infecto e depois me fixo / O planeta inteiro o tenho como filho / Corram para comprar máscaras” (SIMONELMONO, op.cit.)

Isso exige que compreendamos “[...] a tensão dialógica que percorre historicamente a arquitetura das relações tecnocientíficas na realidade latino-americana. Realidade essa forjada sob processos de colonização que implicam relações de dominação estrutural [...]” (JACINSKI; VON LINSINGEN; CORRÊA, 2019, p. 195). Dominação que reitera a colonialidade do saber, dadas as dimensões constitutivas de partições do mundo real, para formar conhecimentos, e de relações coloniais/imperiais de poder (LANDER, 2005), que se marcam nos versos:

*Pois bem não tem plano de contingência  
Alguns vão se contaminar por conta dessa negligência  
Outros vão pegar por conta da ignorância  
Liderança que se perde se acha na arrogância  
Você! Se ligou que o Corona deixa na lona (MV BILL, op.cit.).*

Com base nesses saberes é que situamos a importância do movimento hip-hop, como liderança revolucionária de apropriação tecnocientífica, que produz sentidos por uma pedagogia humanizadora, e que “em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase 'coisas', com eles estabelece uma relação dialógica permanente.” (FREIRE, 2017, p. 77).

## Considerações finais

As condições de produção deflagradas nos textos e discursos, ora analisados, nos revelam a importância de movimentos socioculturais em complementaridade à educação científica e tecnológica no Sul global. Vimos isso anunciado pelo hip-hop latino-americano, por sentidos de cotidiano rimados em forma-conteúdo tecnocientífica, e em interlocução com subjetividades de diferentes camadas de opressão social.

Esses sentidos de biossegurança produzidos pelos rappers e trappers são acreditadores do trabalho científico, de investimentos em tecnologia, bem como veiculam ensinamentos de cientistas sobre fundamentos básicos para evitar contágios pela Covid-19. Credibilizam a tecnociência em linguagem hip-hop. E isso importa ser aprendido na educação científica e tecnológica: saberes tecnocientíficos deflagrados em outras linguagens. Que, embora polissêmicos e posicionados ideologicamente, operam em meio àquelas/es que têm/tiveram suas vozes ainda mais silenciadas, como em qualquer calamidade sanitária, dada a fragilidade da sobrevivência pelo trabalho precarizado.

Egressos da escola latino-americana, os efeitos de sentidos produzidos pelos hip-hoppers situam subalternidades de populações do Sul global. Ou pela falta de infraestrutura sanitária; ou pela transitória escolarização, dada a necessidade de renda gerada na informalidade; ou pela dificuldade de acessar direitos; ou por nocivas políticas de aparelhamento estatal; ou pela intensa repressão militar nas favelas e periferias; ou pelo colapso do sistema público de saúde; ou por insuficientes investimentos em saúde, pesquisa científica e educação pública; ou pelas violências de gênero e da condição étnico-racial; ou, ainda, pela colonialidade do saber; em tudo cabe atenção redobrada à pedagogia que entes públicos (fundações, escolas, universidades, institutos, associações) lançam mão, para comunicar sobre ciência e tecnologia às sociedades que intencionam alcançar. Urgem pedagogias plurais que possam interseccionar elementos socioculturais no espaço e no tempo de interlocução das diversidades latino-americanas.

Quer na linguagem para divulgar o fato científico, quer na pedagogia para produzir ou compartilhar tecnologias inclusivas e comunitárias, quer, ainda, nos sentidos produzidos por textos e discursos que se pretendem em circulação, a fuga de qualquer desses elos poderá

reforçar o plexo de dominações subjetivas e coloniais que tem refratado a apropriação e a circulação de saberes tecnocientíficos entre 133 milhões de afrodescendentes latino-americanas(os) (cf. ONU Brasil, 2019).

Com isso, nossa atenção às formas-conteúdos de rap/trap promovendo a circulação de saberes entre iguais e desiguais, em justos dizeres ante tantas (des)igualdades. Dizeres acumulados de múltiplas exclusões que se renovam com a persistente crise pandêmica e que têm adensado o legado de opressões históricas quanto à variável da biossegurança na periferia do Sul global.

## Agradecimentos e apoios

Ao CNPq (bolsa produtividade em pesquisa) e ao projeto CAPES/PrInt *Repositório de Práticas Interculturais: proposições para pedagogias decoloniais*, sob protocolo n. 311191/2018-5/CNPq.

## Referências

BAURU. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura. Ponto de Cultura Acesso Hip Hop. Semana Municipal do Hip Hop leva Projeto “Combo dos 5 elementos” às escolas de Bauru. **Prefeitura Municipal de Bauru** [site]: Cultura, 7 nov. 2016. Disponível em <https://www2.bauru.sp.gov.br/materia.aspx?n=24753>. Acesso em: 5 ago. 2020.

CARRIL, L. O Rap no quilombo: a periferia dá seu tom. In: AMARAL, M.; CARRIL, L. (orgs.). **O Hip Hop e as diásporas africanas na modernidade**: uma discussão contemporânea sobre cultura e educação. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2015.

DIAS, C. C. **A pedagogia hip-hop**: consciência, resistência e saberes em luta. 1.ed. Curitiba: Appris, 2019.

FIOCRUZ. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Biossegurança. **Portal Fiocruz** [site], s/d. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/StartBIS.htm>. Acesso em: 26 mar. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GANHOR, J. P. **Ciência, tecnologia e o rap**: contribuições à educação científica e tecnológica em periferias urbanas. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

JACINSKI, E.; VON LINSINGEN, I.; CORRÊA, R. F. Cidadania sociotécnica, tecnologia social e educação CTS. In: CASSIANI, S.; VON LINSINGEN, I. (orgs.). **Resistir, (re)existir e (re)inventar a educação científica e tecnológica**. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2019. p. 193-207. Disponível em: <https://cutt.ly/znCUx62>. Acesso em: 1. jul. 2020.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 21-53. (Colección Sur Sur).

MV BILL. Quarentena. Produção musical: Mortão. **MV Bill** [YouTube]: descrição, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NQiykuwYLSk>. Acesso em: 19 mar. 2021.

ONU Brasil. Banco Mundial: América Latina ainda tem barreiras estruturais para inclusão social de negros. **Nações Unidas Brasil**, 10 jul. 2019. Disponível em:

<https://cutt.ly/fW5Awy4>. Acesso em: 5 ago. 2020.

OPS Argentina. Perú, México y Argentina llevan a la región de las Américas a romper el Récord Guinness de lavado de manos al mismo tiempo. **OPS/OMS**: Temas de salud, 22 dez. 2011. Disponível em: <https://cutt.ly/1W5PY56>. Acesso em: 7 ago. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12.ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, Portugal: Almedina, 2020. [recurso eletrônico].

SIMONELMONO. Coronavirus. Produção musical: Turner. **Simonelmono** [YouTube], 2020. Audiov., color., 2min19s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tA8WCBLW9w>. Acesso em: 19 mar. 2021.

WHO. WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. **World Health Organization**, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int>. Acesso em: 22 mar. 2021.